

Exercício curatorial na Escola

Um experimento em curso



LOÉLIA MAIA DOS SANTOS

LOÉLIA MAIA DOS SANTOS

Relatório Final de Pesquisa de Mestrado

EXERCÍCIO CURATORIAL NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO EM CURSO

FLORIANÓPOLIS

2016

LOÉLIA MAIA DOS SANTOS

Relatório Final de Pesquisa de Mestrado

EXERCÍCIO CURATORIAL NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO EM CURSO

Relatório final de pesquisa de mestrado apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes PROF-Artes/CAPES como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Orientadora: Professora Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

FLORIANÓPOLIS

2016

EXERCÍCIO CURATORIAL NA ESCOLA: UM EXPERIMENTO EM CURSO

LOÉLIA MAIA DOS SANTOS

Relatório final de pesquisa de mestrado apresentado
ao Programa de Mestrado Profissional em Artes
PROF-Artes/CAPES

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (PROFARTES/UDESC)

MEMBRO

Prof^a. Dr^a. Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta (UFPR)

MEMBRO

Prof^a. Msc. Mônica Hoff Gonçalves (UDESC)

FLORIANÓPOLIS, 19 de julho de 2016

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Foto do <i>KitMóvelExpositivo</i>	10
Figura 2 - Foto detalhe do <i>Kit</i>	12
Figura 3 - Foto detalhe do <i>KitMóvelExpositivo</i>	13
Figura 4 - Fachada da Escola Básica Estadual Annes Gualberto – Joinville/SC	16
Figura 5 - Alunos participantes do processo curatorial	16
Figura 6 - Alunos participantes do processo curatorial	17
Figura 7 - Professora Eliane Scheis	17
Figura 8 – <i>KitMóvelExpositivo</i>	18
Figura 9 - Exibição das gravuras em tecido	19
Figura 10 - Detalhe da exibição das gravuras em tecido	19
Figura 11 - Exibição dos portfólios de gravura	20
Figura 12 - Exibição das fotografias em suporte de acrílico	20
Figura 13 - Exibição das fotografias em suporte de acrílico	21
Figura 14 - Exibição de trabalho realizado no ambiente virtual.....	21
Figura 15 - Exibição de trabalho realizado no ambiente virtual.....	22
Figura 16 - Abertura da Exposição com a presença da diretora da escola, da professora Eliane Scheis e da professora e orientadora do ProfArtes	22
Figura 17- Abertura da solenidade da exposição.....	23
Figura 18 - Foto da movimentação dos alunos na montagem da exposição	23
Figura 19 - Foto da movimentação dos alunos na montagem da exposição	24
Figura 20 - Foto da Escola São Pedro – Guaramirim/SC.....	26
Figura 21 - O aluno Huelykson, a professora Camila, a professora Bárbara Bublitz e o aluno Vítor.....	27
Figura 22 - Conversa com os alunos. Pausa para descanso e lanche.....	28
Figura 23 - Esquema gráfico da configuração da exposição	29
Figura 24 - Escolha dos trabalhos que foram produzidos no <i>ateliê aberto</i> em Joinville	30
Figura 25 - Foto do <i>KitMóvelExpositivo</i>	30
Figura 26 - Esquema gráfico da configuração das gravuras.....	31
Figura 27 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas pelas fitas em malha.....	31
Figura 28 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas pelas fitas em malha.....	32

Figura 29 - Detalhe da exposição das gravuras em tecido, amarradas no parapeito do 1º andar	32
Figura 30 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas no parapeito do 1º andar.....	33
Figura 31 - Exposição das gravuras em tecido	33
Figura 32 - Exposição das gravuras em tecido	34
Figura 33 - Esquema gráfico para a configuração das fotografias	34
Figura 34 - Configuração da exposição das fotografias	35
Figura 35 - Detalhe da montagem das fotografias.....	35
Figura 36 - Esquema gráfico para a projeção do trabalho	36
Figura 37 - Projeção do trabalho no dia da montagem.....	36
Figura 38 - Projeção do trabalho após a montagem	37
Figura 39 - Exibição dos trabalhos produzidos no ateliê aberto realizado em Joinville	37
Figura 40 - Montagem da exposição	38
Figura 41 - Montagem da exposição	38
Figura 42 - Montagem da exposição	39
Figura 43 - Painéis de colagem da produção artística do ateliê aberto, coordenado pela professora Barbara Bublitz em Guaramirim.....	39
Figura 44 – Pintura em camisas produzidas no ateliê aberto	40
Figura 45 - Foto da Escola Básica Municipal Batista Pereira – Florianópolis/SC.....	43
Figura 46 - Os alunos Tessiny e Daniel, que participaram da organização da exposição.....	44
Figura 47 - Professora Steffanie Rocha na montagem da exposição	45
Figura 48 - O palco como suporte para as gravuras em tecido.....	46
Figura 49 - Suporte para as gravuras em tecido	47
Figura 50 - Fixação do tecido branco	47
Figura 51 - Montagem das gravuras produzidas no ateliê aberto, em Joinville	48
Figura 52 - Montagem das fotografias nos painéis em acrílico.....	48
Figura 53 - Montagem das fotografias nos painéis em acrílico.....	49
Figura 54 - Foto da movimentação de montagem	50
Figura 55 - Montagem das gravuras em tecido	50
Figura 56 - Montagem das produções em gravura do ateliê aberto.....	51
Figura 57 - Montagem da exposição das gravuras e das produções do ateliê aberto em Joinville	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CARTOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO OLHARES EM TRÂNSITO – EXPERIMENTOS EXPOSITIVOS NA ESCOLA	14
2.1	PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO I	15
2.1.1	Escolha do espaço e da configuração da exposição	18
2.1.2	Entrevista com alunos e alunas	24
2.1.3	Entrevista realizada com a professora Eliane Scheis	25
2.2	PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO II	26
2.2.1	Escolha do espaço e da configuração da exposição	29
2.2.2	Entrevista com os alunos e alunas.....	41
2.2.3	Entrevista com a professora Barbara Bublitz	42
2.3	PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO III.....	43
2.3.1	A Escolha do Espaço Expositivo e da Formatação da Exposição	46
2.3.2	Entrevista	52
2.3.3	Entrevista com a professora Steffanie Rocha	52
3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	54
	REFERÊNCIAS	56
	ANEXOS	57

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa constitui parte integrante de um projeto em rede submetido ao comitê de ética da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, intitulado “Estudo da ampliação e da difusão das produções artísticas dos estudantes nas escolas públicas do estado de Santa Catarina a partir de Exposição Itinerante,” orientado pela professora doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, membro do Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES.

No projeto em rede, três propostas de pesquisa buscam investigar a criação artística nas aulas de artes visuais no âmbito escolar. São eles: *Gravura no campo expandido: uma experiência artística no contexto escola*, de Eliane Aparecida Scheis, professora da Escola de Educação Básica Annes Gualberto no município de Joinville/SC; *A presença das mulheres na ciberarte: uma análise das problemáticas sociais em torno do tema ‘mulheres’ na aula de arte*, de Barbara Mariah Retzlaff Bublitz, professora da Escola de Educação Básica São Pedro do município de Guaramirim/SC; *A fotografia sob outros prismas: Construindo novos olhares com os adolescentes*, de Stefanie da Cunha Rocha, professora da Escola Básica Municipal Batista Pereira do município de Florianópolis/SC. Outra pesquisa a compor o projeto em rede - intitulado *Ação cultural no espaço escolar* de Juliana Resende Dutra, professora da Escola de Educação Básica Justina Conceição no município de Imbituba/SC - tem a finalidade de analisar as contribuições do ensino da arte na ampliação de uma política cultural dentro do espaço escolar público.

O projeto inicial dessa pesquisa foi desenvolvido por Loélia Maia dos Santos, professora da Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes no município de Florianópolis/SC – também inserido em rede como os demais projetos – e que versava sobre a interlocução entre o museu e a escola, tendo como referência de base a atuação curatorial e expográfica praticadas no contexto museológico. Ademais, pretendia discutir a possibilidade de construção de uma experiência curatorial e expográfica na realização de uma exposição que comportasse a análise das três propostas artístico-pedagógicas das professoras de artes visuais e, como resultado final, buscava a realização de uma exposição itinerante nas três escolas em questão. Dessa forma, propusemos uma versão para a concepção e montagem da exposição fundamentada na abordagem metodológica da museóloga Marília Xavier Cury (2005), a fim de tecer reflexões tanto da teoria, quanto

da prática museológica, que pudessem contribuir para melhor entendermos os processos de concepção e montagem de exposição nas escolas.

A partir da qualificação dessa pesquisa de mestrado, em dezembro de 2015, através das ponderações e indicações propostas pelos membros da banca acerca das referências apontadas no projeto, a pesquisa tomou outro rumo. Visto isso, nesse relatório ressaltaremos as novas referências que foram adotadas a fim de dar continuidade à pesquisa e efetivar a exposição inicialmente pensada.

Ancorados pelas práticas curatoriais inovadoras empreendidas por artistas e curadores a partir dos anos 60, cercamo-nos de modelos curatoriais que mais se aproximavam do contexto da escola - cujo foco é de nosso interesse – por privilegiar as estratégias experimentais e colaborativas, no que diz respeito à exibição e circulação da produção artística. Tal visão diverge da ideia inicial da pesquisa e, portanto, afasta-se dos modelos tradicionais de curadoria praticados nas grandes instituições - como museus, galerias e bienais – e abre possibilidades de ampliar a participação dos alunos e da comunidade escolar nesse processo, o que, de forma geral, não ocorre nessas instituições.

Dessa forma, escolhemos ir em direção a algumas proposições curatoriais que conseguiram se libertar das instâncias das políticas conservadoras e dos modelos pré-estabelecidos das instituições oficiais de arte, ao vislumbrar diferentes possibilidades de proposições curatoriais ao acessar tanto espaços alternativos para exibição de arte, quanto uma diversificação nas formatações das exposições. E é no próprio processo de construção colaborativa da exposição que se pode encontrar as possíveis respostas para a exibição dessa produção no contexto da escola.

Nesse sentido, fizemos alguns recortes conceituais de propostas expositivas de artistas e curadores, como Anton Vidokle (2009), Seth Siegelaub (2010), Obrist (2010), Ricardo Basbaum (2005), dentre outros, que serviram de base para a proposição curatorial da exposição *Olhares em Trânsito – Experimentos Expositivos na Escola*, que percorreu três escolas de Santa Catarina entre março e abril/2016.

Nesse sentido, pontuamos dois aspectos relevantes que colaboraram para construir a proposição curatorial da exposição. Um deles prioriza o caráter experimental, processual e colaborativo da proposição que se expressa no compartilhamento das decisões da exposição por todos os envolvidos. No primeiro momento, entre as professoras do projeto em rede e, em um segundo momento, entre as professoras e seus alunos. Tal aspecto foi abordado por Anton Vidokle (2009), quando abdicou de organizar uma bienal do Manifesta 6, ao implementar a ideia de uma exposição enquanto escola.

O outro aspecto parte da noção de *artista etc* que tomamos de empréstimo do artista Ricardo Basbaum (2005), de cuja ideia fizemos uma analogia, ao dispor o deslocamento temporário do que vem a ser aluno e do que vem a ser professora dentro da escola, ampliando essas funções para exercer a curadoria da mostra. Ambos, professores e alunos, não irão se desvencilhar dos lugares que ocupam e dos papéis que exercem na escola, mas terão a possibilidade de ampliá-los ao assumir outras práticas. Qual seria a singularidade dos alunos enquanto curadores? E das professoras? Nessa perspectiva observamos a transformação do ‘aluno-aluno’ para ‘aluno-curador’ e da ‘professora-professora’ para ‘professora-curadora’. Nesse contexto ser aluno é, ao mesmo tempo, ser produtor e curador do seu próprio trabalho artístico.

No contexto apresentado acima, dois eixos foram delimitados à proposição curatorial. O primeiro se configurou através da concepção dos expedientes – deslocamento e incorporação – para estruturar conceitualmente a exposição e elaborar as estratégias que se reverteriam em ações concretas para operacionalizá-la. Nesse âmbito, realizamos discussões por meio de encontros presenciais e virtuais entre as professoras participantes e a orientadora do projeto em rede, a fim de traçarmos um planejamento geral como etapa inicial para a efetivação dessa itinerância.

O segundo eixo se ocupou em pensar a configuração da exposição através das decisões acerca da forma de sua exibição no espaço da escola com a finalidade de explorar possibilidades, arranjos, transformações e adaptações ao reunir e selecionar os trabalhos artísticos, escolher e negociar espaços, entre outras questões que pertencem à montagem e à exibição dos trabalhos. Nesse momento do processo, adotamos a curadoria compartilhada entre alunos e professoras nas decisões conclusivas da exposição.

O expediente *deslocamento* demarcou três territórios e seus respectivos artifícios ou estratégias. O primeiro território se iniciou com o deslocamento do *olhar* pretendido e conduzido pelas propostas de cada professora no corpo de seus projetos de mestrado. A forma de conduzir cada aula, suas escolhas metodológicas, indica o grau do desvio desse *olhar* pretendido por cada uma. Em suas proposições - por meio da especificidade das estratégias educativas-artísticas mediadas por cada professora - o aluno foi convidado a desconstruir o próprio hábito de olhar o cotidiano, experimentando diferentes posturas estético-artística-reflexivas de intervenção na realidade contemporânea como resultado do processo de ensino/aprendizagem em artes.

O *deslocamento* físico da exposição fez parte do segundo território que permitiu a circulação e a mobilidade da exposição entre espaços escolares diferenciados em um

curto espaço de tempo, tornando-a viável pela adoção da estratégia de um *KitMóvelExpositivo* - composto de 7 caixas identificadas e etiquetadas. O *Kit* continha:

1. Os trabalhos de arte dos alunos, produzidos em cada projeto de mestrado. Em Joinville, 29 gravuras em tecido. Em Florianópolis, 39 fotografias. Em Guaramirim, trabalhos de arte urbana e da ciberarte em ambiente virtual. Tais trabalhos foram previamente selecionados para a exposição por cada professora juntamente com os alunos.
2. Materiais e instrumentos diversos para auxiliar na montagem da exposição, além de suportes de papelão, rolos de fio e placas de acrílico.
3. Quatro banners de divulgação da exposição e dos ateliês abertos.

O último território aqui apresentado discute a possibilidade de inverter papéis - a partir da noção de *artista etc*, de Ricardo Basbaum (2005) - diferentemente do lugar já ocupado, seja na instância do aluno, seja das professoras no contexto da escola. Acreditamos que assumir outras posições estimula o deslocamento de percepções que se tornam mais críticas sobre os lugares que normalmente já estão constituídos e consolidados na escola, admitindo pontos de vista mais variados, flexíveis e criativos.

Figura 1 - Foto do *KitMóvelExpositivo*



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano 2016

Retomando o segundo território, cabe ressaltar que a opção pelo formato do *KitMóvelExpositivo* era facilitar tanto a mobilidade de seu deslocamento, quanto apresentar certa padronização do conteúdo, com sugestões básicas para a execução da exposição em forma de uma folha de instruções que acompanha o material do *kit* (Anexo A). O padrão do kit e as instruções contidas nele remetem a estratégias conceituais utilizadas por dois curadores, Obrist (2010) e Siegelau (2010), em suas propostas curatoriais. O primeiro se refere ao aspecto instrucional das proposições dos artistas dirigida ao público, revelado no trabalho *Do it* (OBRIST, 2010). O segundo se refere ao aspecto padronizado proposto aos artistas (SIEGELAU, 2010) no trabalho *Xerox book*.

Nosso projeto curatorial fez um recorte das propostas curatoriais *Do It*, de Obrist, e *Livro das cópias*, de Siegelau. Do projeto *Do It*, incorporamos basicamente três aspectos: a noção da obra-instrução, a variação interpretativa do leitor-participante e a variação do resultado da proposta a cada nova versão do projeto.

O primeiro aspecto se expressa pelo artifício da autoinstrução, mas não exatamente da forma como se deu no *Do It*. O *KitMóvelExpositivo* funcionaria enquanto instrução-guia - não enquanto obra-instrução - por conter em seu interior, instruções básicas para conduzir a montagem da exposição, embora paradoxalmente as pessoas que a leem tem liberdade para não segui-la. Esse fato nos remete ao segundo aspecto que fornece aos leitores participantes, quer alunos ou professora a determinarem suas escolhas e traçarem caminhos próprios tendo por base o *KitMóvelExpositivo*. O último aspecto se cola ao segundo pela variabilidade de formatos e sentidos apresentados em cada espaço escolar ao final da montagem da exposição.

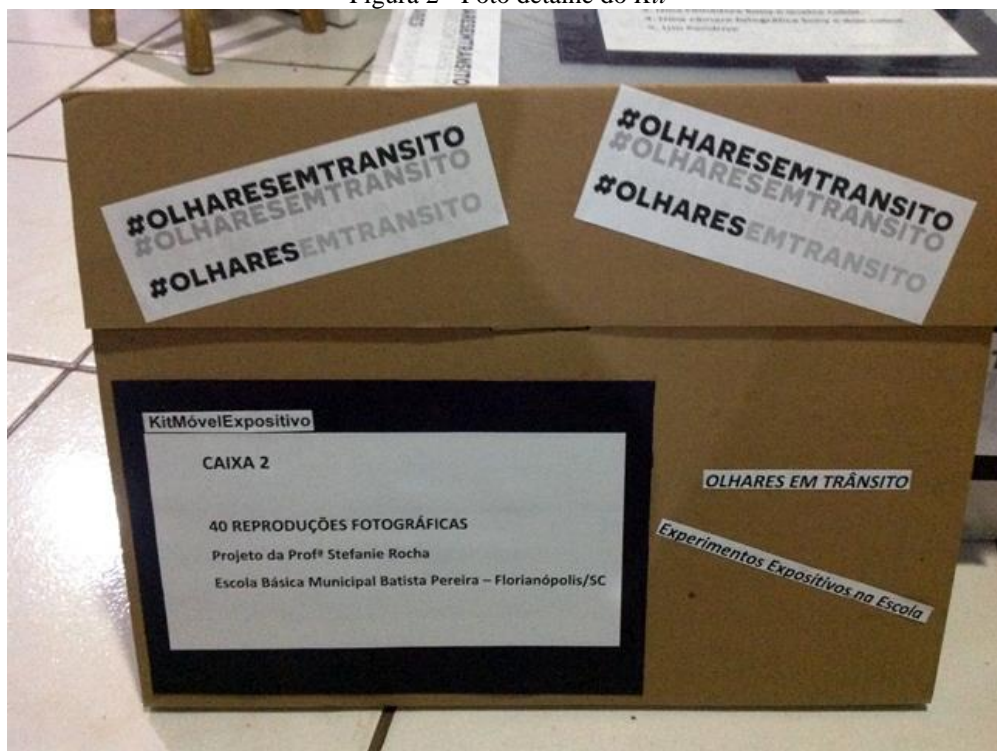
Na proposta do Siegelau, *Livro das Cópias*, a padronização é verificada como uma espécie de prévia instrução dada aos artistas, e não ao público, como se deu no *Do It*. O resultado dessa provocação resulta numa variabilidade estética apresentada pelos trabalhos artísticos. De forma análoga o *KitMóvelExpositivo* também é apresentado de forma padronizada - a partir da mesma materialidade que circulará nas escolas - em que a transitoriedade da exposição confere sentidos diferentes quando envolvem opiniões, repertórios estéticos e negociações entre as pessoas daquela realidade escolar. Como resultado desse compartilhamento de ideias, responsabilidades e afetos, surgirão diferentes formatos expositivos, que serão frutos das soluções interpretativas encontradas pelos grupos de alunos e professoras a essa demanda.

A ideia de portabilidade e de condensamento de intenções mantidas no *KitMóvelExpositivo* também nos remete aos procedimentos de Duchamp (2013) com a ideia de museu portátil, através das *Boîtes-en-Valise*, em que ele apresentava e transportava reproduções de suas obras a qualquer tempo e lugar, numa espécie de organização capaz de professar o condensamento das suas intenções artísticas.

O *KitMóvelExpositivo* alude às intencionalidades artístico-pedagógicas das pesquisas realizadas pelas professoras ao condensar em um só espaço a produção artística dos alunos e a possibilidade de seu conteúdo ser compartilhado por muitas pessoas através de seu fácil trânsito entre as três escolas.

O *KitMóvelExpositivo*ⁱ, por sua natureza padronizada, poderia aparentemente ter induzido os executantes a utilizá-lo de forma semelhante. Esperava-se que as peculiaridades tanto da realidade escolar, quanto dos agentes - alunos e professoras - envolvidos nesse processo, provocassem uma acentuação significativa na diferenciação estética entre as exposições, pelas diversas interpretações realizadas, a partir do contato com o *KitMóvelExpositivo*, e pela peculiaridade dos espaços expositivos. Dessa forma, a expectativa era de que a configuração final da exposição sofreria variação de uma escola para outra, dependendo das soluções encontradas pelo grupo a fim de apresentar a exposição à comunidade escolar. Foi o que de fato foi apresentado por todas as escolas, expresso na variação da formatação de cada exposição.

Figura 2 - Foto detalhe do *Kit*



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

2 CARTOGRAFIA DA EXPOSIÇÃO OLHARES EM TRÂNSITO – EXPERIMENTOS EXPOSITIVOS NA ESCOLA

O desafio de mapear o que aconteceu em cada território expositivo no transitar dos objetos, das expectativas, das ideias, ganha um modo ‘aberto’ de olhar para esses lugares e para as pessoas envolvidas no processo. Por trás do registro e do relato que será feito, um ponto de vista será anunciado, mas não será o único.

Dessa forma se espera que a descrição do processo, das experiências e peculiaridades de cada território possam construir uma cartografia desses espaços. Nessa viagem de configurar a cartografia foram observadas as movimentações das professoras e alunos no dia da montagem da exposição em cada escola, além das conversas mantidas com os alunos e professoras que participaram das decisões que antecederam à montagem, logo após as exposições.

Priorizamos delimitar alguns aspectos para observação, sintonizados com a proposição curatorial apresentada nessa pesquisa. Tomemos como relevante a noção da escola como espaço de experimentação, como uma espécie de laboratório onde os envolvidos tiveram que pensar a exibição dos trabalhos de arte – tendo por base o *KitMóvelExpositivo* – como uma maneira de intervenção no espaço escolar a partir das interpretações e negociações realizadas entre professoras e alunos, os quais tiveram um lugar diferenciado nesse processo. Os papéis sociais dos alunos e professoras foram estendidos e ampliados, tal como no modelo do artista-curador pensado por Ricardo Basbaum (2005), com plena autonomia para criar a formatação da exposição.

Isso implica em assumir responsabilidades durante o processo e riscos ao final dele. Quais seriam tais riscos? A insatisfação dos resultados alcançados pela formatação da exposição? Ou pela ausência de repercussão da exposição na comunidade escolar? Esses poderiam ser alguns motivos para pensarmos em riscos?

Nossa intenção priorizou o processo de autonomia das pessoas na construção de uma exibição de trabalhos de arte na escola através de uma proposição curatorial delimitada. A configuração expográfica, nesse caso, assumiria uma posição secundária, embora esse aspecto seja relevante para o público. As soluções pensadas, negociadas e decididas pelos alunos e professoras, nesse caso, é o foco de nosso interesse.

Pensando dessa maneira não haveria riscos, a não ser que houvesse o cerceamento da autonomia decisória enquanto possibilidade de intervenção expositiva e de ocupação de um espaço *político* na escola, observados durante e no final do processo da exposição.

Ademais, como saber se as experiências relatadas pelos envolvidos refletem o fazer compartilhado, colaborativo e processual que esperamos dessa proposição? Ou, melhor dizendo, será que há um reconhecimento desse trabalho como algo de valor para os alunos, professora e escola? De qualquer forma, os relatos obtidos e as observações realizadas *in loco* devem apontar indícios da relevância ou não dessa participação efetiva.

O que foi discutido em algumas reuniões entre as professoras que participaram da exposição *Olhares em Trânsito – Experimentos Expositivos na Escola*, e que faz parte da proposição curatorial, é a relevância do planejamento antecipado da exposição entre professora e alunos como forma de traçar as estratégias de exibição dos trabalhos de arte. Ficou acordado que cada uma a seu modo, na semana anterior à montagem e à abertura da exposição, convidaria os alunos - que participaram de seus projetos de pesquisa de mestrado - a esses encontros decisórios de planejamento da exposição.

Nesses encontros, dois aspectos teriam que ser observados pelo grupo. Um deles, a escolha e a negociação do espaço para a montagem da mostra dentro da escola. O outro aspecto seria a exibição do *KitMóvelExpositivo* - desenvolvido pelos professores no qual circularia pelas três escolas em períodos distintos - para o grupo dos alunos envolvidos no processo. Esse kit possibilitaria a diferentes pessoas, em diferentes situações e espaços, criar soluções para materializar uma mostra artística.

Além dessas questões abordadas, as professoras, como coordenadoras do processo curatorial, teriam que discutir com seus alunos a função curatorial compartilhada da proposta e mediar uma discussão ao apresentar imagens de diferentes exposições em escolas que exibiram trabalhos de arte de forma não convencional. Imagens essas que foram antecipadamente selecionadas.

A seguir, faremos a descrição do que foi realizado durante a montagem da exposição *Olhares em trânsito – Experimentos Expositivos na Escola* em cada contexto escolar, através da observação da movimentação dos alunos e das conversas informais que tivemos com eles. Após as três exposições, as professoras e os alunos participantes do processo curatorial responderam algumas perguntas a respeito da exposição, via e-mail e WhatsApp, respectivamente.

2.1 PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO I

Ao chegarmos na manhã do dia 14-03-2016 na Escola Básica Estadual Annes Gualberto em Joinville/SC, eu e a professora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

fomos recepcionadas pela professora Eliane Scheis. Nesse momento um grupo de alunos já estava organizando os trabalhos de arte que seriam expostos.

Figura 4 - Fachada da Escola Básica Estadual Annes Gualberto – Joinville/SC



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Reunimo-nos para conversar rapidamente com eles, perguntando como eles tinham pensado, junto com a professora, a exibição dos trabalhos de arte e qual o entendimento a respeito de curadoria. Só uma aluna tinha lido as instruções básicas para usar o *KitMóvelExpositivo* que serviria para auxiliar na montagem da mostra.

Constatamos, pelos relatos dos alunos, que houve pouco contato com a professora Eliane ao longo da semana anterior e que, por isso, essas questões não foram bem discutidas. Da mesma maneira, a professora Eliane também confirmou o pouco tempo que teve para promover tais discussões, que foram realizadas via WhatsApp com os alunos. As escolhas de como exibir os trabalhos que não foram acordados nos encontros entre professora e alunos, foram sendo tomadas ao longo da manhã por todos os envolvidos na montagem.

Figura 5 - Alunos participantes do processo curatorial



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 6 - Alunos participantes do processo curatorial



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 7 - Professora Eliane Scheis



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 8 – *KitMóvelExpositivo*

Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

2.1.1 Escolha do espaço e da configuração da exposição

O espaço escolhido para a exibição das gravuras em tecido foi um grande espaço coberto que a escola ao mesmo tempo usa como refeitório, sala de aula, ou para reunir todos os alunos em um eventual pronunciamento, pois nele há uma espécie de palanque. Os alunos decidiram exibir todos os trabalhos de arte que estavam no kit e não excluir nenhum deles à exibição.

As gravuras em tecido estavam sendo afixadas uma a uma tanto nas paredes, quanto nos suportes de rolos de fio em torno do palanque. As fotografias ganharam um suporte em acrílico transparente e a ideia dos alunos era de que as placas de acrílico fossem instaladas suspensas no vão da área do refeitório, procedimento que foi abortado por ser uma área de risco com a possibilidade de os alunos puxarem e quebrarem o acrílico. Diante do impasse, o grupo decidiu afixar as fotografias nas paredes de um espaço que se configura como uma passagem que dá acesso à quadra e à saída da escola. A argumentação era de que aquela localização tinha intensa circulação de pessoas.

Para os trabalhos em ambiente virtual de arte urbana e de ciberarte, a instalação foi realizada no mesmo espaço da montagem das gravuras, localizado no lado esquerdo do palanque. Foi observado que as gravuras ficaram mais evidentes, por estarem em um espaço privativo, alto, cuja visibilidade se fazia mais presente, ao contrário do lugar escolhido para as fotografias, que ficaram em um lugar de muita circulação, mas de pouca visibilidade, visto que se tratava de um corredor de passagem.

Figura 9 - Exibição das gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 10 - Detalhe da exibição das gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 11 - Exibição dos portfólios de gravura



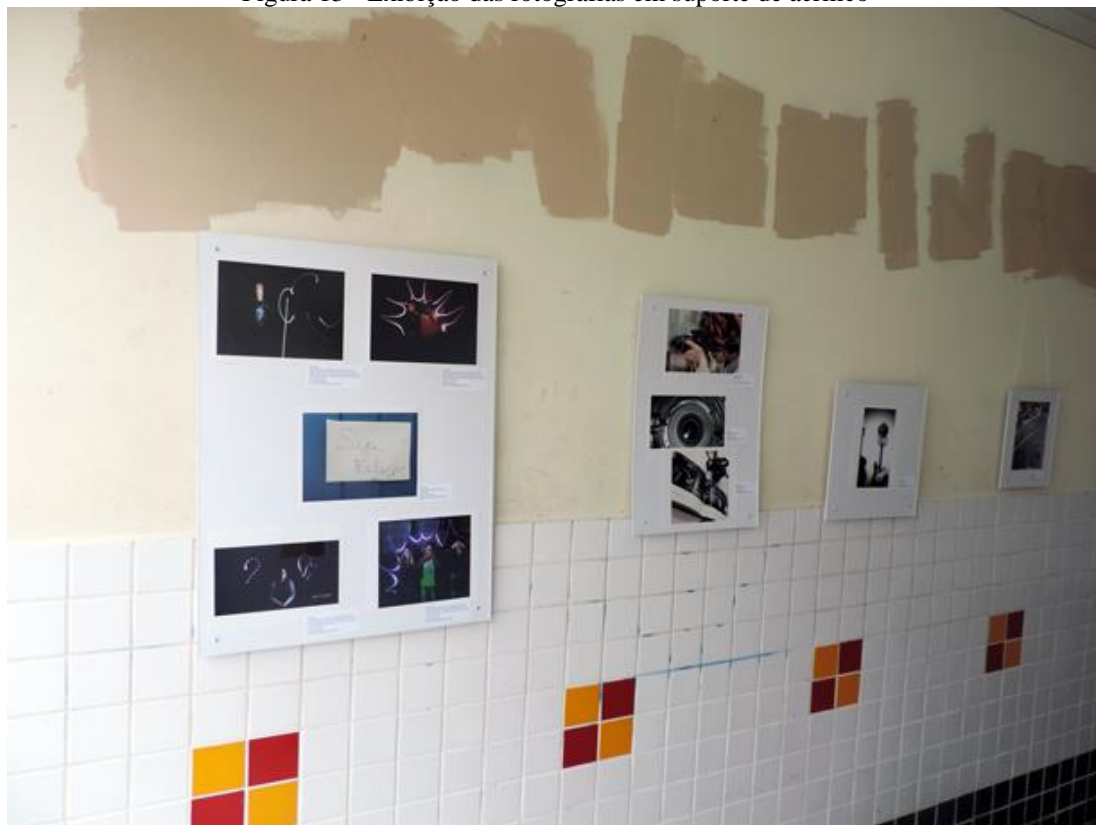
Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 12 - Exibição das fotografias em suporte de acrílico



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 13 - Exibição das fotografias em suporte de acrílico



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 14 - Exibição de trabalho realizado no ambiente virtual



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 15 - Exibição de trabalho realizado no ambiente virtual



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

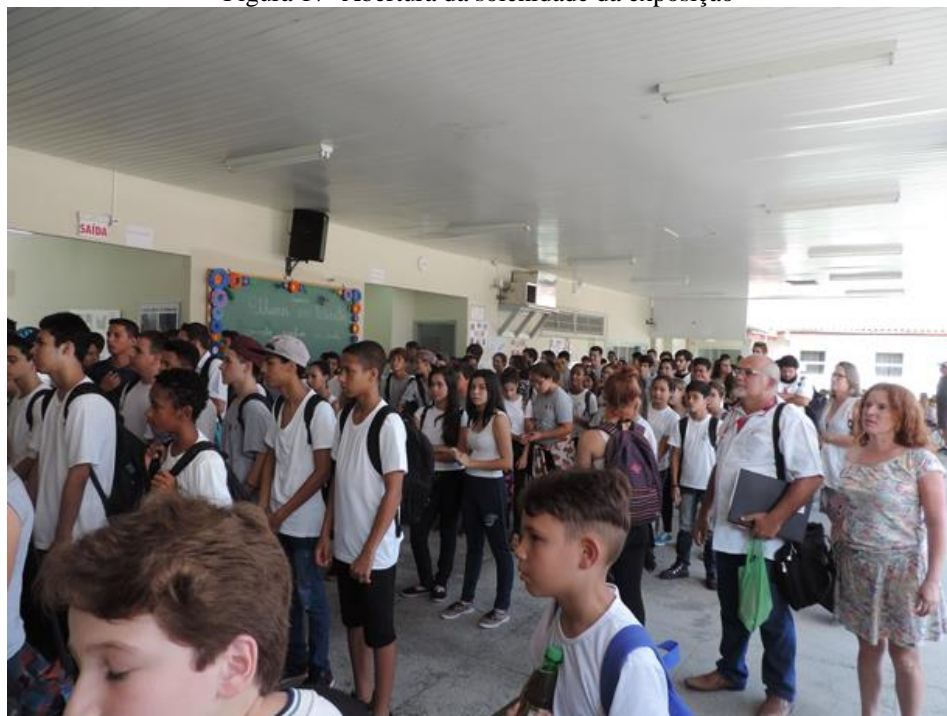
Após a conclusão da montagem da exposição, no período da manhã, ocorreu a solenidade de abertura da exposição, às 13h, conduzida pela diretora da escola, que contou com a presença da professora orientadora do ProfArtes, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, que fez um breve pronunciamento sobre o projeto em rede, e, da professora Eliane Scheis que proferiu os nomes dos alunos que participaram, com ela, da curadoria da exposição.

Figura 16 - Abertura da Exposição com a presença da diretora da escola, da professora Eliane Scheis e da professora e orientadora do ProfArtes



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 17- Abertura da solenidade da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Quanto à organização para a montagem, observou-se que não existiu um planejamento prévio e uma divisão estruturada de trabalhos e de ações entre os membros do grupo. Assim, alguns poucos alunos sabiam o que fazer e outros ficaram sem muita ação, embora todos estivessem participando de alguma forma.

Figura 18 - Foto da movimentação dos alunos na montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 19 - Foto da movimentação dos alunos na montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Da forma como foi concebida, a curadoria compartilhada ou colaborativa previa que o resultado fosse decorrente dessa parceria entre professora e alunos. Na etapa anterior à montagem, havia a hipótese de que o envolvimento da professora e dos alunos facilitaria a etapa posterior ao converter em uma configuração expográfica mais inovadora e inesperada nos modos de exhibir os trabalhos de arte na escola. Embora isso não tenha sido observado plenamente, a movimentação dos alunos na montagem da exposição repercutiu positivamente na escola, fato que pode ser verificado nos comentários da diretora, dos professores, dos funcionários e dos alunos.

2.1.2 Entrevista com alunos e alunas

Ao buscarmos compreender as diversas percepções dos alunos e da professora Eliane, foram colhidos relatos após a exposição, via WhatsApp, através de perguntas a respeito de algumas questões relevantes para essa pesquisa.

Foram seis alunos: Emanuel, Franciele, Joice, Vitória, Laura e Mayane, que participaram dos relatos e que também organizaram a exposição. Perguntados como se deu a preparação da exposição a partir do encontro deles com a professora, observamos a predominância da opinião da professora nas decisões da exposição, expressa nas falas dos alunos, como: “determinou algumas coisas”, “como queria que fosse”, “explicou

como seria”, “proposta da professora”, “a professora deu dicas”. A participação deles se deu, basicamente, através da montagem dos trabalhos no dia da abertura da exposição.

A maioria respondeu que não teve anteriormente nenhuma experiência em participar da montagem de uma exposição na escola, mas que isso serviu como uma forma de aprender “a trabalhar em grupo e a ter comprometimento com o que propus a fazer,” dito pela aluna Joice em 12/5/16, ou pela aluna Franciele ao revelar que aprendeu a comunicar-se melhor. Mas ressaltaram que mesmo tendo sido uma experiência positiva, sentiram a necessidade de uma melhor organização no processo e de mais tempo para isso.

Ao final, revelaram a importância de exibir os trabalhos dos alunos na escola como: forma de “reconhecimento do esforço do aluno” (aluna Joice – 12/05/16) “oportunidade que os alunos têm de mostrar os trabalhos e incentivo para que os alunos se esforcem mais” (aluna Laura – 12/05/16), “todos tem um pouco de artista dentro de si, o que falta é iniciativa para poder mostrar as ideias aos outros” (aluno Emanuel – 12/05/16). Ainda na visão da aluna Laura: “para alguns alunos, se não for exposto não é importante”.

Dessa forma, podemos observar, a partir das falas dos alunos, dois pontos relevantes no processo de participar da exposição: o primeiro foca na figura da professora e numa certa dificuldade de compartilhar as decisões preliminares da exposição com os alunos ao determinar certas escolhas, a que eles apenas aderiram. Isso demonstra o nível de exigência desse tipo de prática curatorial que requer do professor mais reflexão acerca do seu papel nesse processo. O segundo foca nos alunos e na clareza que possuíram ao se verem no processo colaborativo e reconhecerem essa participação como algo significativo para eles. Ademais, demonstraram entender a importância da exposição como um caminho para adquirir mais reconhecimento tanto dos trabalhos, quanto deles mesmos no espaço escolar.

2.1.3 Entrevista realizada com a professora Eliane Scheis

Nessa entrevista realizada por email e respondida no dia 12/05/16, a professora Eliane Scheis pode relatar sua experiência ao compartilhar a curadoria com os alunos na exposição realizada na Escola Annes Gualberto, em Joinville. Para ela, a importância residiu na valorização dos trabalhos dos alunos, que puderam agregar mais conhecimento,

além de instigá-los ao desafio da realização e montagem de uma exposição. A professora revelou, também, as dificuldades relativas à precariedade do espaço físico, “no sentido de a escola não ter um espaço físico melhor” (Eliane – 12/05/16) e de ter que assumir muita responsabilidade ao conduzir esse tipo de processo.

Da forma como foi exposto pela professora, observamos uma grande preocupação de não comprometer negativamente não apenas sua imagem de professora, que coordena esse processo perante todo o corpo da escola, como também a imagem da turma que organizou a exposição. Tal aspecto evidencia que a cobrança da qualidade do trabalho do professor dentro da escola é muito presente em níveis variados. Tais níveis podem ser tão elevados que o professor pode se sentir totalmente responsável pelo resultado obtido na exibição dos trabalhos. Se isso de fato ocorreu nessa escola, pode ter atrapalhado a curadoria compartilhada entre professora e alunos na busca de dividir responsabilidades, fracassos e acertos.

Espero que essas reflexões possam nutrir futuras ações expositivas empreendidas nessa mesma escola pela professora e pelos alunos.

2.2 PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO II

A próxima itinerância da exposição aconteceu no município de Guaramirim/SC, na Escola Básica Estadual São Pedro, no dia 28-03-2016. Para acompanhar o processo de montagem, foi necessária a nossa ida à escola onde a professora Barbara gentilmente nos recebeu em sua cidade.

Figura 20 - Foto da Escola São Pedro – Guaramirim/SC



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Nesse dia compareceram para realizar a montagem da exposição, dois alunos, Vítor e Huelykson, a professora Camila que também leciona na escola, além da professora Barbara. No planejamento da exposição, as alunas Jennifer, Kethlen e Ana participaram, mas que não estavam presentes nesse dia.

Toda a organização se iniciou no início da tarde e se estendeu até à noite com a finalidade de concluir o planejamento que o grupo tinha feito anteriormente. Não houve abertura oficial da exposição, como ocorreu na escola Annes Gualberto em Joinville, e as atividades do ateliê aberto só aconteceriam nos dias posteriores à montagem da exposição.

Figura 21 - O aluno Huelykson, a professora Camila, a professora Bárbara Bublitz e o aluno Vítor



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Antes da organização da montagem, houve a oportunidade de conversarmos com os dois alunos que iriam participar da montagem, os quais relataram como se deram os encontros em que a professora Bárbara Bublitz mostrou o kit, explicou a exposição em rede envolvendo outros projetos, mostrou as fotos publicadas na página do Facebook da exposição anterior, realizada no município de Joinville, e de como eles criaram a configuração expográfica e, por fim, incentivou as discussões para a criação de estratégias para materializar a exposição na escola deles.

Os dois alunos comentaram como se deu o processo de concepção da montagem e a curadoria compartilhada com a professora como algo inusitado para eles e para a

escola. Assim, disseram: “não fica só o trabalho dela, fica junto com os alunos porque tem o nosso trabalho também” (Vítor – 28/03/16)

Já a observação feita pela professora Bárbara sobre o tempo de preparação para pensar a exposição, revelou que, para a montagem, as decisões foram rápidas, mas houve falta de “mais tempo para pensar qual a função dessa exposição na escola (...) que eventos específicos para trazer as pessoas para a escola para ver a exposição, o que fazer com essa exposição depois dela” (professora Barbara – 28/03/16).

Figura 22 - Conversa com os alunos. Pausa para descanso e lanche



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

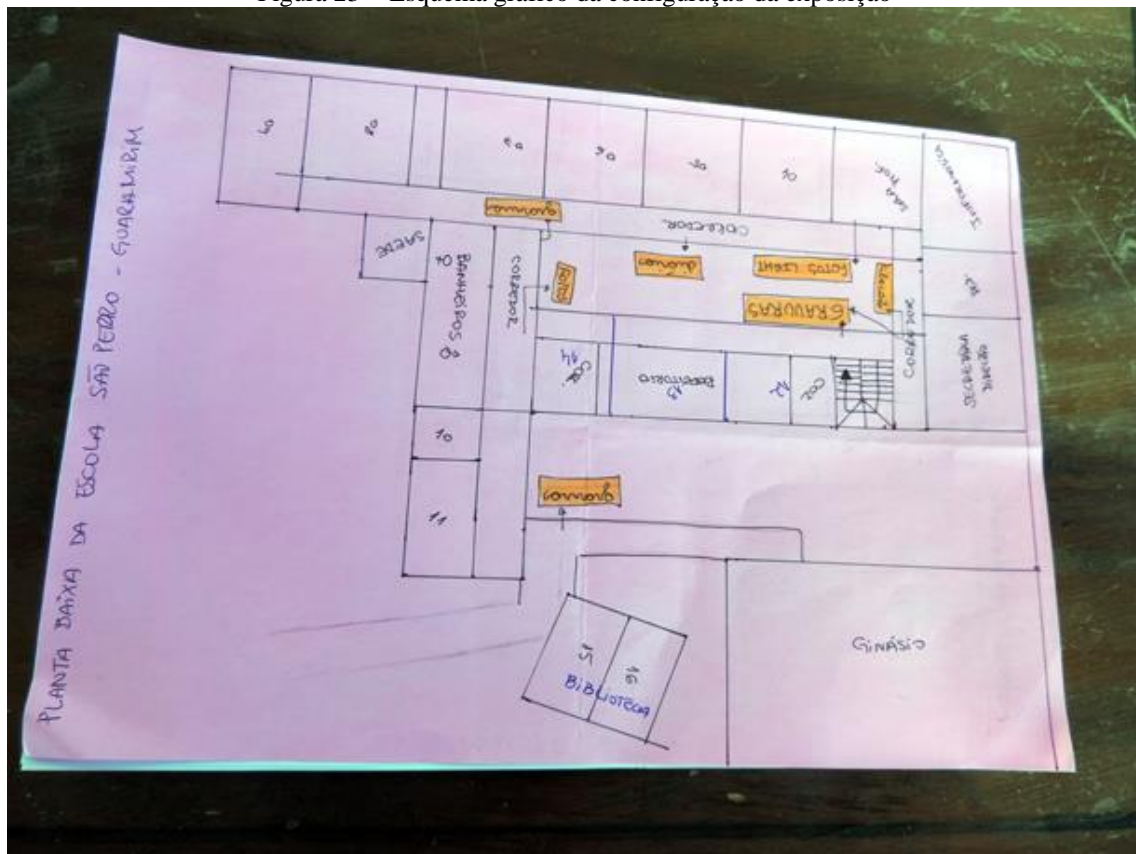
Na observação feita pelo aluno Vítor, também percebida pelo aluno Huelykson, a exposição dos trabalhos na escola geralmente é produzida sob o olhar da professora, excluindo o aluno desse processo, ao mesmo tempo em que sinaliza o trabalho de organização curatorial da professora também como um trabalho artístico.

Quanto às reflexões da professora Bárbara, deflagradas pela movimentação que foi feita em torno da organização de uma exposição itinerante, a preocupação girou em torno da busca do sentido e da importância de se criar exposições de arte na escola. E, mais do que isso, a própria exposição gerou a necessidade tanto de criar mecanismos de aproximação do público externo à escola, que não ocorreu, quanto de empreender estratégias para ampliá-la, que vão além da exibição dos trabalhos.

2.2.1 Escolha do espaço e da configuração da exposição

Como o grupo tinha anteriormente decidido a formatação da exposição - cujo planejamento foi operado por meio de esquemas gráficos realizados pelos participantes -, a etapa da montagem seguiu de forma tranquila, embora houvesse apenas dois alunos, duas professoras voluntárias e a professora Bárbara Bublitz.

Figura 23 - Esquema gráfico da configuração da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Os alunos Vítor e Huevelykson, e a professora Bárbara decidiram fazer uma seleção dos trabalhos que iriam participar da mostra. O grupo escolheu não utilizar todos os trabalhos artísticos, nem os suportes de papelão, nem os rolos usados para fio, que vieram no KitMóvel Expositivo. Utilizaram fita de tecido em malha, trazida pelo aluno Vítor, fornecida por sua mãe que trabalha com esse tipo de material.

O espaço de exibição dos trabalhos ocupou diferentes lugares - ao contrário do que aconteceu na exposição anterior em Joinville - espalhados entre o espaço interno do pátio, o andar de cima, na escada e em partes isoladas da área externa.

Figura 24 - Escolha dos trabalhos que foram produzidos no *ateliê aberto* em Joinville



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

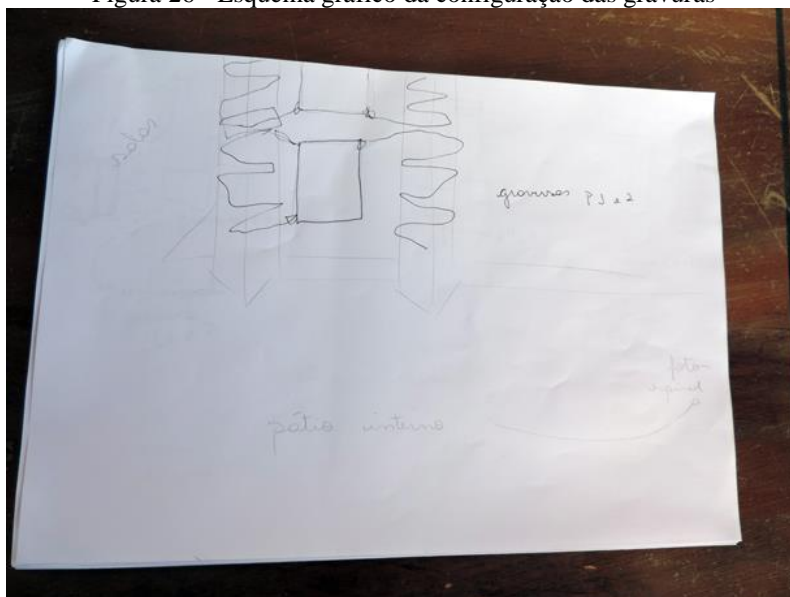
Figura 25 - Foto do *KitMóvelExpositivo*



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Seguindo os esquemas realizados anteriormente, as gravuras em tecido tiveram destaque em dois lugares: amarradas pelas fitas em malha coloridas, fizeram uma espécie de instalação nos pilares que se situam entre o pátio e os corredores de passagem da escola e, expostas no primeiro andar, foram amarradas nos parapeitos dos corredores de cima, voltadas para o pátio.

Figura 26 - Esquema gráfico da configuração das gravuras



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 27 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas pelas fitas em malha



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 28 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas pelas fitas em malha



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 29 - Detalhe da exposição das gravuras em tecido, amarradas no parapeito do 1º andar



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 30 - Exposição das gravuras em tecido, amarradas no parapeito do 1º andar



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 31 - Exposição das gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

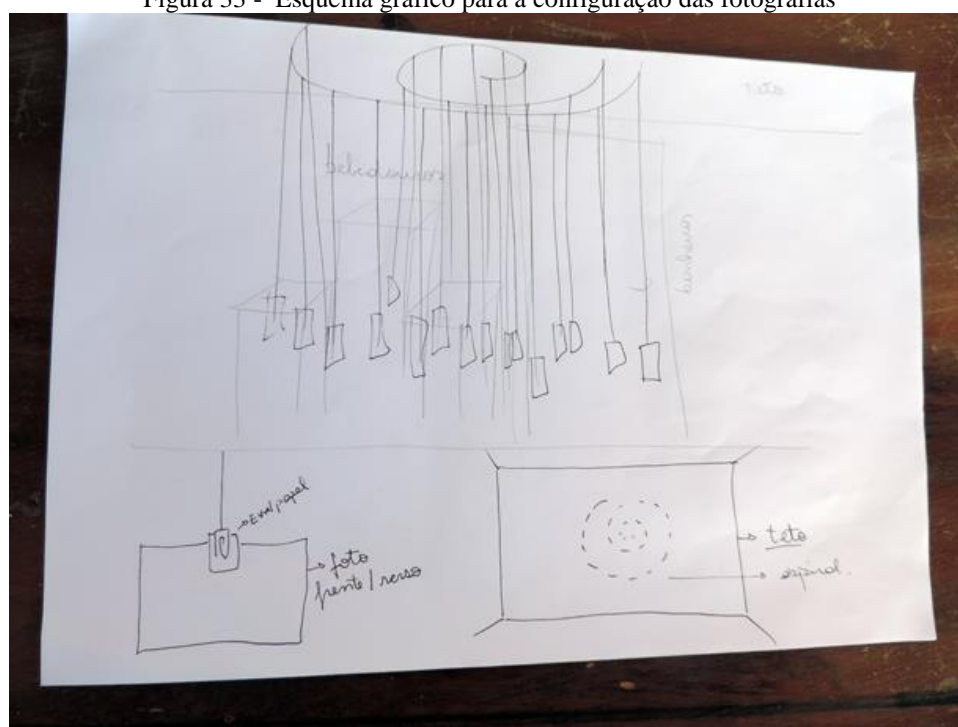
Figura 32 - Exposição das gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

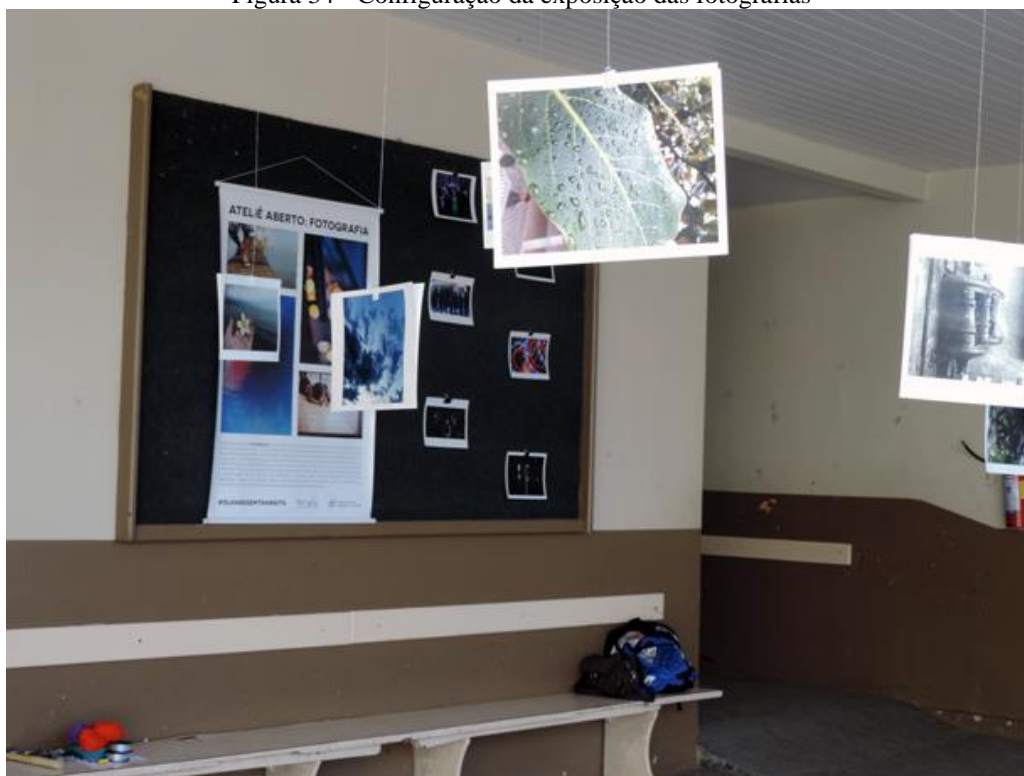
Pelos esquemas gráficos anteriores, as fotografias foram penduradas por fios de nylon nos grandes corredores que dão acesso ao pátio interno da escola, às salas de aula e aos banheiros.

Figura 33 - Esquema gráfico para a configuração das fotografias



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 34 - Configuração da exposição das fotografias



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 35 - Detalhe da montagem das fotografias

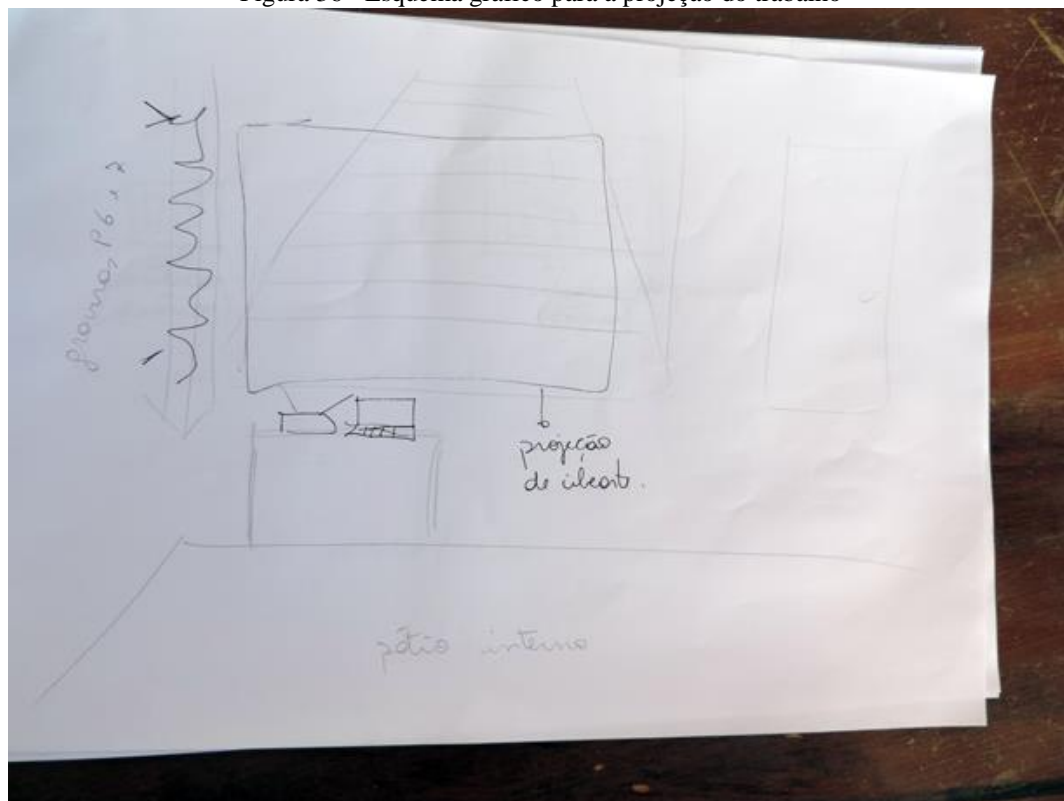


Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Quanto ao trabalho virtual, a dificuldade foi encontrar um lugar adequado para a projeção deles, já que o espaço da escola é excessivamente iluminado. Na montagem, a

projeção ficou na subida da escada principal para o primeiro andar, e, no decorrer da semana da exposição, a projeção tomou outro lugar: nos corredores do andar térreo.

Figura 36 - Esquema gráfico para a projeção do trabalho



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 37 - Projeção do trabalho no dia da montagem



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 38 - Projeção do trabalho após a montagem



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Os trabalhos em gravura produzidos no ateliê aberto na escola de Joinville foram expostos tanto nos suportes de acrílico, quanto nas janelas de vidro na subida para o primeiro andar.

Figura 39 - Exibição dos trabalhos produzidos no ateliê aberto realizado em Joinville



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 40 - Montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 41 - Montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 42 - Montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 43 - Painéis de colagem da produção artística do ateliê aberto, coordenado pela professora Barbara Bublitz em Guaramirim



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 44 – Pintura em camisas produzidas no ateliê aberto



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

A movimentação dos alunos e professoras em torno da montagem se deu de forma natural, uma vez que as decisões e as escolhas prévias já tinham sido discutidas e esquematizadas, embora alguns desses planejamentos tivessem sido modificados ao longo da montagem, no confronto com o espaço e com a ideia inicial de formatação para a exibição dos trabalhos.

De fato, houve um planejamento anterior faz muita diferença no momento de concretizar a montagem da exposição, pois traz a sensação de que a curadoria foi pensada, elaborada e, não foi posta à revelia. Tanto os alunos que participaram da montagem, quanto a professora Barbara demonstraram ter suficiente maturidade frente a responsabilidade com que encararam essa proposta.

Podemos ressaltar que a decisão por escolher apenas alguns trabalhos para participar da exibição fez parte das resoluções anteriores à montagem - que se diferenciou da exposição anterior, em Joinville, e da exposição posterior a essa, em Florianópolis - ao resolverem utilizar todos os trabalhos enviados pelas professoras. Ademais, os critérios que utilizaram para essa seleção não foram discutidos, imprimindo um gosto pessoal nessas escolhas.

Percebemos também o uso da fita de malha, trazida pelo aluno Vítor, como uma ação inovadora dos alunos que vislumbraram potencialidade nesse material e na composição que ele poderia fornecer na amarração das gravuras, não tendo-se limitado apenas ao material que estava no *KitMóvelExpositivo*.

O último ponto observado diz respeito à disposição espacial dos trabalhos, que, por estarem dispostos em diversos lugares da escola, dando a percepção de pontos expositivos, criou uma visão parcial da exposição. Diferentemente desse aspecto, tanto a escola de Joinville, quanto a de Florianópolis optaram por uma configuração que dispôs todos os trabalhos em um único espaço de exibição.

2.2.2 Entrevista com os alunos e alunas

Foram realizadas entrevistas com os alunos Jennifer, Kethlen, Ana e Vítor, que puderam responder algumas perguntas, via WhatsApp. Ao serem interpelados acerca do planejamento da exposição, disseram que essa etapa foi realizada durante uma tarde em que foram selecionados os trabalhos e a formatação da exposição. Sobre a visão que os alunos tiveram a respeito de sua colaboração nesse processo, o aluno Vítor revelou que participou de “toda a exposição, desde o processo de planejamento até o processo de desmontagem” (Vítor – 14/05/16), e que todas as contribuições foram importantes para que cada um pudesse participar na escola.

O envolvimento dos alunos com a exibição dos próprios trabalhos foi indicado como algo que não tinham experimentado na escola, mas que foi uma experiência positiva, apesar do pouco tempo que tiveram para a montagem da exposição, segundo o aluno Vítor – 14/05/16.

Eles expressaram que a exibição dos trabalhos é uma forma de aprender a dar valor ao que eles fazem e uma forma de divulgação dos trabalhos deles. A aluna Jennifer pensa que “é uma maneira de ‘descobrirmos’ mais talentos, mas desenhistas, etc.” (09/05/16), “um incentivo para os alunos”, disse Ana (13/05/16). É algo que pode “servir de incentivo para que as pessoas façam trabalhos bem feitos” (Vítor – 14/05/16) e, por fim, Ketlen acredita que a exposição é importante por ter “muita gente com talento e tem vergonha de mostrar e isso foi bom porque muitas pessoas vão gostar e achar legal.” (Ketlen - 09/05/16).

Dentre os alunos que foram entrevistados, Vítor se destacou pelo fato de que sua compreensão a respeito da curadoria participativa foi mais aprofundada. Tal se deu por dois fatores observados: o primeiro, pelo entendimento das perguntas feitas a ele sobre a exposição, especificamente. O segundo aspecto, por sua participação durante todo o processo, desde os encontros de planejamento, montagem e desmontagem da exposição.

Os demais alunos não tiveram o entendimento de que as perguntas estavam dirigidas a exposição exclusivamente e, portanto, suas respostas se referiram às aulas da professora Barbara e à produção artística realizada por eles.

Podemos supor que tal fato foi devido à ausência deles na montagem, momento fundamental no processo de concepção para fornecer o sentido da exposição por si mesma. Embora as falas dos alunos que não participaram da montagem estivessem de certa forma desconectadas ao conteúdo das perguntas da entrevista, a questão da exibição dos trabalhos dos alunos foi reconhecida por todos como algo que possui relevância dentro da escola, pois, ao publicizar o que o aluno faz, torna o comportamento dele modificado na busca de mais empenho em suas produções artísticas.

2.2.3 Entrevista com a professora Barbara Bublitz

Nesta entrevista, realizada por email e respondida no dia 09/05/16, a professora Barbara verificou a validade de se construir uma curadoria participativa com os alunos e o ineditismo da proposta no contexto escolar em que trabalha:

Não havíamos trabalhado deste modo antes e observei forte sentimento de pertencimento e valorização dos estudantes em relação ao seu trabalho (...) ocuparam, por algum momento, a nossa posição de selecionar trabalhos e estruturar um modo de mostrar o que eles tem de melhor (...)o fato de terem que lidar com problemas técnicos: como onde pregar, onde colar, como exhibir, lidar com as crianças que mexem nos trabalhos, etc. (09/05/16)

Ela percebeu que os alunos possuem muita potencialidade em organizar uma exposição e que participar de um evento como esse fez com que eles criassem autonomia e percebessem que são capazes de fazer conexões entre trabalhos diversos.

A escassez de tempo se constituiu o ponto negativo que a professora Bárbara apontou para conceber o planejamento, a montagem da exposição e o ateliê aberto e que isso poderia ser revisto dentro da proposta. O que ficou acordado em nossas reuniões, entre professoras e coordenadora do projeto em rede, foi o prazo de uma semana para organizar a montagem com os alunos (tempo esse do deslocamento do *KitMóvelExpositivo*), um dia para o ateliê aberto e três a quatro dias de exposição, conforme cada escola. Tal planejamento geral variou em cada escola conforme as condições que se apresentaram nesses ambientes. Segundo a visão da professora, a questão do tempo comprometeu o impacto da exposição na comunidade, que poderia ter sido mais amplo.

Questionada sobre a dificuldade em conduzir essa proposta de curadoria compartilhada, revelou que não houve dificuldade, mas sim o cuidado

em dar sugestões aos estudantes sem tornar minha perspectiva a voz de professora “que faz o certo”. Percebo que os estudantes tem dificuldade em compreender que também estamos inseridas em um processo de criação que pode resultar em falha e passa por incertezas. (09/05/16)

Ela classificou a experiência de ser curadora de uma exposição com trabalhos que não são dos seus alunos, ao selecionar os trabalhos que iriam ser expostos, como algo que produziu mais liberdade nela e em seus alunos.

Por fim, apesar dos entraves verificados no processo, a contribuição reflexiva dada a partir de seu relato possibilitou valiosas contribuições à proposta curatorial ao abordar questões fundamentais em âmbitos diversos da produção de uma exposição.

2.3 PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO – TERRITÓRIO III

Figura 45 - Foto da Escola Básica Municipal Batista Pereira – Florianópolis/SC



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

A última paragem da exposição itinerante aconteceu em uma tarde do dia 26-04-2016, na Escola Básica Municipal Batista Pereira em Florianópolis/SC. O encontro com o grupo de alunos e a professora, para a montagem da exposição, teve início às 13h. Estavam presentes o aluno Daniel e a aluna Tessiny, a professora Steffanie Rocha e a professora Juliana Resende que também participa do projeto em rede analisando e propondo questões de mediação.

Ao longo do processo de montagem, outros alunos também vieram para ajudar. Antes de começar, houve a oportunidade de conversarmos com os alunos Tessiny e Daniel, que estiveram presentes durante o processo de organização da exposição, que se iniciou a partir do convite da professora Steffanie e de sua pesquisa de mestrado.

Eles relataram que a professora Steffanie manteve encontros presenciais e conversas pelo WhatsApp. Em um desses encontros, a professora Steffanie, ao mostrar as imagens da configuração das outras exposições que aconteceram em Joinville e em Guaramirim, expôs a proposta de curadoria participativa na construção da montagem da exposição na escola. Nesse instante, o aluno Daniel (26/04/16) recordou a recomendação da professora para a configuração da exposição: “elaborar formas diferentes de expor isso ... envolver as pessoas com os trabalhos que tem que mostrar ... que não seja chato”.

Relataram também que a professora Steffanie mostrou os trabalhos de arte e todo o conteúdo que veio no *KitMóvelExpositivo*.

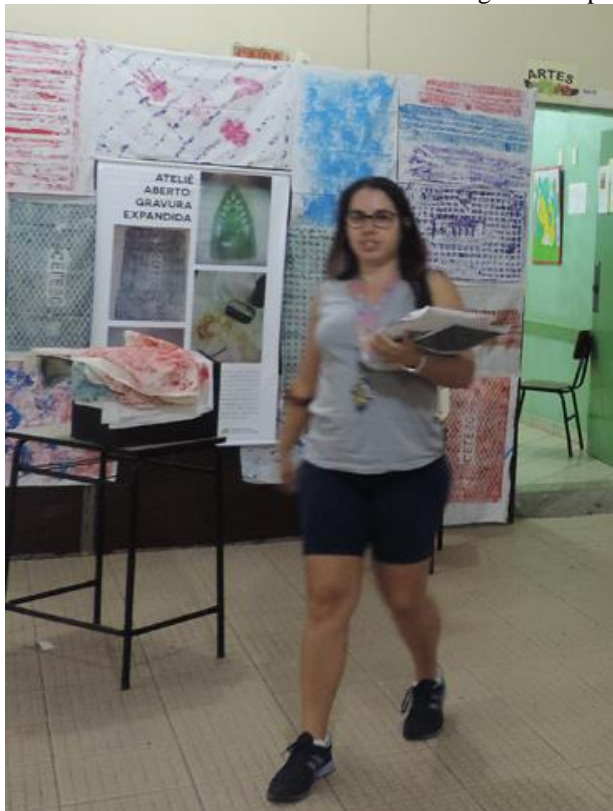
Ao serem perguntados sobre a motivação e o interesse em participar da exibição dos trabalhos, disseram que “isso é uma oportunidade de aprender para ensinar para outras pessoas, mas que precisa de muita dedicação e vontade para isso, para poder vir para fazer isso” (Daniel e Tessiny – 16/04/16).

Figura 46 - Os alunos Tessiny e Daniel, que participaram da organização da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 47 - Professora Steffanie Rocha na montagem da exposição



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Ao longo da conversa, os alunos relataram que pensaram em uma ação que poderia acontecer durante a exposição em que o público – alunos e comunidade em geral - seria convidado a escolher rapidamente algo que caberia na mão e esse gesto seria registrado por meio da fotografia. Tal ação remete ao procedimento artístico de um dos artistas que foi abordado no projeto de mestrado da professora Steffanie. Disse a aluna Tessiny (26/04/16): “uma mão estendida com algo nela que você mesmo escolhe e põe”. Essa ideia não foi implementada durante a exposição por impedimentos operacionais da própria escola e dos alunos participantes.

A conversa que mantivemos com os alunos Daniel e Tessiny, pontuamos o cuidado com que a professora Steffanie abordou a proposta curatorial com os seus alunos e ao abrir um espaço para mostrar o que ocorreu nas exposições anteriores, de modo a poderem analisar os resultados delas.

Esses dois alunos demonstraram grande interesse e curiosidade em colaborar nesse processo e tal envolvimento repercutiu na ideia de uma ação que envolvia o público na própria exposição, que, por sua vez, poderia ter sido adotada como uma forma estratégica de interagir mais com o público, mas que não foi considerada relevante a ponto

de ter sido implementada nessa exposição. Da mesma forma, essa ideia poderia ter feito parte de uma ação educativa concomitantemente à exposição.

Talvez tenhamos que lembrar a análise feita pela professora Bárbara quanto da necessidade de pensarmos a exposição e seus desdobramentos em um âmbito maior dentro da escola, sem perder de vista a possibilidade de condições reais no contexto escolar dificultarem a execução de certas ideias.

2.3.1 A Escolha do Espaço Expositivo e da Formatação da Exposição

A escolha do espaço expositivo não foi uma questão muito discutida e não estava totalmente decidida no momento da montagem. Onde deveriam estar as fotos e as gravuras? A ideia dos alunos, durante a conversa, era utilizar um lugar visível, nos corredores, perto dos banheiros, a fim de “levar as pessoas a ver a exposição, se não eles passam e não veem nada de importante que tá ali” (Daniel, 26/04/16).

Eles tiveram poucos encontros devido à própria dificuldade dos alunos de comparecessem à escola e do tempo escasso da professora Steffanie. Na hora da montagem eles não sabiam onde expor, qual lugar escolher. O texto instrucional que acompanhou o *KitMove!Expositivo* não foi lido por eles, embora a professora Steffanie tenha-lhes falado para eles a respeito do conteúdo.

Logo após a discussão acerca do lugar em que deveriam exibir os trabalhos, resolveram utilizar o espaço que serve ao mesmo tempo de refeitório, de passagem para as salas de aula e para outros ambientes da escola. Ficou decidido que as gravuras em tecido fossem estiradas e fixadas em um palco que já estava em pé, encostado na parede.

Figura 48 - O palco como suporte para as gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 49 - Suporte para as gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Para exibir o que foi produzido no ateliê aberto de gravura, coordenado pela professora Eliane Scheis em Joinville, decidiram utilizar como suporte um tecido em TNT branco, que já havia na escola, e que também serviu para esconder um painel que já estava fixado na parede.

Figura 50 - Fixação do tecido branco



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 51 - Montagem das gravuras produzidas no ateliê aberto, em Joinville



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Quanto à exibição das fotografias no espaço expositivo, o grupo decidiu utilizar os painéis em acrílico transparente, mas como o tempo foi escasso nesse dia, a montagem das fotos só foi concluída no dia seguinte.

Figura 52 - Montagem das fotografias nos painéis em acrílico.



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 53 - Montagem das fotografias nos painéis em acrílico.



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

O último trabalho a ser exibido na exposição, cuja formatação é em ambiente virtual, não pode ser instalado nesse dia, e seria mostrado - no decorrer da semana a diversas turmas - na sala informatizada, conforme sugestão da supervisora da escola.

Durante o tempo da organização da montagem, a professora Steffanie esteve sempre presente, coordenando as ações, compartilhando com os alunos, perguntando a eles o que expor e onde expor, apesar de alguns contratemplos ocorridos na escola. O primeiro deles foi a não disponibilidade total da professora Steffanie que tinha que se dividir entre a sala de aula com seus alunos - por não haver professor auxiliar para substituí-la - e a montagem. Nesse sentido, a gestão da escola foi um entrave, não facilitando a disponibilidade da professora para estar mais presente.

Dessa forma, o acesso ao espaço expositivo nos remete a um processo que deve ser construído na escola enquanto reivindicação desse espaço e que, por sua vez, foi claramente comprometido, demonstrando a pouca relevância da exposição nessa escola. Percebe-se que, no momento que se precisou de mais engajamento e colaboração da escola, poucos quiseram se envolver no trabalho, mas depois teceram elogios à iniciativa. Contraditório, não? Como muitas coisas na escola.

O segundo contratempo foi devido à grande circulação dos alunos no refeitório da escola, lugar onde estava sendo organizada a montagem da exposição, dificultando as escolhas e decisões que precisariam ser tomadas. O mesmo ocorreu na escola em Joinville, onde no mesmo espaço/tempo em que ocorria a organização da montagem, aconteciam aulas de educação física.

De fato, sabemos que o ambiente escolar possui essas características, mas a pergunta seria como conseguir conciliar esses momentos, que envolvem a concepção e a montagem, com a dinâmica da escola? Isso requer mais organização da exposição ou mais reivindicação do espaço/tempo pelos alunos e professora, a fim de executar tal tarefa? Essa reflexão deve ser necessária em cada contexto escolar.

Ao final do dia, e devido a esses contratempos, ficaram coisas pendentes para serem concluídas no outro dia, embora alguns alunos tivessem auxiliado na montagem, ainda que apenas como mão de obra. O ateliê aberto de fotografia só iria ocorrer dois dias após a montagem.

Figura 54 - Foto da movimentação de montagem



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 55 - Montagem das gravuras em tecido



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 56 - Montagem das produções em gravura do ateliê aberto



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

Figura 57 - Montagem da exposição das gravuras e das produções do ateliê aberto em Joinville



Fonte: Arquivo do Projeto – Ano: 2016

2.3.2 Entrevista

Dois alunos foram convidados a responder algumas perguntas, via WhatsApp, mas apenas uma respondeu. A aluna Tessiny confirmou o que já dissera no dia da montagem, quanto à preparação e idealização da exposição ter ocorrido de forma coletiva.

Ao falar da importância de sua participação na curadoria, Tessiny pontuou isso como uma entrega, mas que aprendeu que apesar de ser exaustivo acredita que “foi tudo como eu imaginei e acho que deu tudo certo” (10/05/16). Para finalizar, ela faz uma avaliação da exposição na escola, dizendo: “É superimportante envolver alunos em trabalhos, pois cria laços e responsabilidade. E acho legal mostrar um trabalho para outros apreciarem” (10/05/16).

Uma única entrevista não pode fornecer dados suficientes a respeito das percepções que os alunos tiveram acerca de sua participação na exposição. O que a aluna Tessiny respondeu complementa o que ela disse no dia da montagem quando tivemos a conversa. Em suas respostas, como nas outras entrevistas das exposições anteriores, afirma a relevância da exibição dos trabalhos como forma de estreitar os relacionamentos entre professora e alunos e entre os alunos com o fazer da arte.

2.3.3 Entrevista com a professora Steffanie Rocha

Na entrevista realizada por email e respondida no dia 18/05/16, a professora Steffanie expressou a satisfação de ter participado da experiência de uma curadoria compartilhada com seus alunos, que geralmente fica restrito apenas ao professor.

Assinala pontos negativos com relação ao processo curatorial ao abordar a dificuldade de conciliação entre o tempo do professor e dos alunos, quando se depara com o tempo e a logística da escola. De forma positiva, observou dois aspectos: o primeiro, que conferiu “*autonomia e empoderamento possibilitado aos alunos, oferecendo-lhes a liberdade de escolherem e decidirem como e onde seus trabalhos ficariam melhor apresentados/dispostos no espaço da escola*” (18/05/16).

O segundo aspecto pontua a cumplicidade que se forma entre professora e alunos ao se confrontarem com as dificuldades na montagem e o estabelecimento de diálogos constantes que esse tipo de prática curatorial permite. Ademais essa relação, que é construída nesse processo, reverbera nas relações que são travadas dentro da sala de aula.

Por fim, a professora Steffanie reconhece a função da curadoria como algo inseparável do papel do professor de arte ao “*escolhermos as imagens que trabalhamos, os conteúdos e as metodologias (...) fazemos escolhas, seleções, organizações e mediações*” (18/05/16), e que tal aspecto a deixa confortável ao assumir essa posição.

As pontuações apresentadas pela professora demonstram que o principal entrave no processo de planejamento e montagem da exposição se centrou na questão da estrutura e do funcionamento rígido da sua escola, e isso demonstra a importância que a gestão escolar possui nesse processo, além da necessidade de envolvê-la nisso.

Dessa forma, tais dificuldades encontradas pela professora Steffanie deverão habilitá-la, daqui por diante e numa próxima experiência, a tentar criar novas estratégias que driblem esses entraves bastante comuns de se encontrar nos espaços escolares.

Avaliamos que tanto a prática da curadoria compartilhada, quanto as estratégias curatoriais que auxiliaram na proposição foram evidenciadas pelas professoras como algo relevante em sua prática pedagógica, embora tenham sido observados diversos entraves e contratempos que fizeram parte tanto da preparação anterior à exposição, quanto em sua montagem.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente relato propôs demonstrar o novo rumo que a pesquisa tomou a partir do Exame de Qualificação e descrever como se deu o processo de construção da exposição em cada escola, desde a sua concepção, montagem, até as apreciações desse processo reveladas pelos alunos e professoras.

No início da pesquisa havia a crença em mim de que as instituições oficiais da arte, como museus e galerias, tivessem respostas para diversas inquietações a respeito de como construir exposições de arte nas escolas. Em minha prática pedagógica acreditava na importância das exposições na escola, mas, ao realizá-las, fazia sob o olhar das estratégias expográficas adotadas naquelas instituições.

A partir do contato com outros referenciais teóricos fui percebendo que pensar as exposições dos alunos na escola divergia sensivelmente daquele tipo de instituição – museus, galerias etc. – que, embora mantivesse um discurso de aproximação com o público, velava o seu objetivo primordial: manter-se financeiramente e simbolicamente no mercado da arte.

A pergunta que me fiz a essas questões foi como aproximar os alunos do processo de exibição e de circulação de sua própria produção artística sem impor ou sugerir uma visão que estivesse distante da realidade da escola. Pensar tal aproximação exigiu que eu saísse de um lugar já instaurado. Um deslocamento, quem sabe uma pequena torção em mim, na forma de ver e de se relacionar com os alunos.

Nesse embate, entre o que acreditava e o que agora me surpreendia, estavam lá aqueles artistas, aquelas proposições curatoriais que se tornaram companheiros nessa viagem. No compartilhamento dessas propostas, deu-se o compartilhamento com os alunos e com as professoras que integraram o projeto em rede.

A proposição curatorial apresentada nesse relatório, que se tornou foco e motivo dessa pesquisa, priorizou a colaboração, o processo e o caráter experimental do processo de concepção e de organização da exposição *Olhares em trânsito – Experimentos Expositivos na escola* entre professoras e alunos.

A proposta em questão germinou a partir dos experimentos de Anton Vidokle (2009) com a ideia de exposição enquanto escola, e de Ricardo Basbaum (2005) com a noção de *artista etc.* Ademais, outras companhias se complementaram a esse olhar nas propostas de Obrist (2010), de Siegelaub (2010) e de Marcel Duchamp (2013).

O que percebi ao transitar pelas escolas de Joinville, Guaramirim e Florianópolis auxiliou na compreensão de que não há um único modelo de exibição dos trabalhos que são produzidos no espaço escolar, ao mesmo tempo em que traz o entendimento de que para dar sentido, afeto e importância ao que é exibido – a produção artística dos alunos – é necessário um trabalho de colaboração mútua entre todos os envolvidos, e não um empreendimento solitário das professoras.

Cabe ressaltar que o interesse no processo compartilhado de conceber a exposição tomou proporções que superou o seu resultado enquanto ato concreto – a exposição. Ao processo, admite-se as incertezas do resultado, por onde se vai costurando as ideias, permitindo as falhas, acolhendo os acertos, ao mesmo tempo em que vai tomando forma e se constituindo enquanto exposição.

Focados no processo, as relações dialógicas se ampliam, se diferenciam e tomam a forma das pessoas. Sem um único e esperado resultado estético da exposição, o que aparece é a variação dela a partir da relação, negociada entre as pessoas participantes do processo em cada escola.

A intenção foi de produzir uma situação - através da proposição curatorial entre professora e alunos - de autonomia, de criação estética-expositiva por meio de um trabalho colaborativo, já que, assim como diz Hoffmann (1997, p.3), “praticar a curadoria conduz-nos a um entendimento situacional da cultura, a uma estética situacional.” Podemos, parafraseando o autor, afirmar que essa proposição curatorial possibilitou um entendimento da realidade pontual das três escolas.

Ademais, proporcionou um entendimento não só acerca da situação de cada escola, mas da situação de ser professor, de ser aluno, de ser escola. De certa forma, estar pensando e, ao mesmo tempo, observando o contexto em que ocorreu todo o processo de organizar uma exposição itinerante me fez olhar para mim mesma refletida na própria prática docente.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, Ricardo. *Amo os Artistas-etc.* In: *Seminário Políticas Institucionais, Práticas Curatoriais*. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2005.

HONORATO, Cayo. *Expondo a Mediação Educacional: Questões sobre Educação, Arte Contemporânea e Política*. ARS. Vol. 5, nº 9, São Paulo, 2007.

MARMO A. R.; LAMAS, N. C. *O Curador e a curadoria*. Revista Científica Ciência em Curso. Palhoça/SC, v. 2, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2013.

MESQUITA, Ivo. *El Curador como cartógrafo*. Disponível em <https://issuu.com/ghoh/docs/mesquita>, Acesso em 02/05/16.

OBRIST, Ulrich Hans. *Uma breve história da curadoria*. São Paulo: BEI, 2010.

VIDOKLE, Anton. *From Exhibition to School Notes From Unitednationsplaza*. In: MADOFF, Steven Henry (Org.). *Art School - Propositions for the 21ST Century*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2009.

VIDOKLE, Anton. *Da Exposição para a escola: apontamentos do Unitednationsplaza*. In: *Educação para a arte – Arte para a Educação*. Orgs: Pérez-Barreiro, Gabriel.&Camnitzer, Luís. Fundação Bienal do Mercosul. 1ª Ed. Porto Alegre, 2009.

ANEXOS

ANEXO A: *KITMÓVELEXPOSITIVO*

INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA A EXPOSIÇÃO *OLHARES EM TRÂNSITO* – *Experimentos Expositivos na escola*

CAROS ALUNOS (AS) E PROFESSORA,

VOCÊS ESTÃO RECEBENDO O *KitMóvelExpositivo* QUE IRÁ AJUDÁ-LOS A PENSAR A EXPOSIÇÃO E REALIZAR A EXIBIÇÃO DOS TRABALHOS DE ARTE.

O *KitMóvelExpositivo* CONTÉM:

1. **TRABALHOS ARTÍSTICOS** FEITOS POR VOCÊS E POR OUTROS ALUNOS DE DIFERENTES ESCOLAS DE SANTA CATARINA. NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA ANNES GUALBERTO EM JOINVILLE, OS ALUNOS PRODUZIRAM **29 GRAVURAS EM TECIDO DE ALGODÃO** (*Caixa nº 01*); NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA SÃO PEDRO, EM GUARAMIRIM, OS ALUNOS PRODUZIRAM **TRABALHOS NO AMBIENTE VIRTUAL**; E NA ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA, OS ALUNOS PRODUZIRAM **40 REPRODUÇÕES FOTOGRÁFICAS** (*Caixa nº 02*).
2. **APARELHOS ELETRÔNICOS** (*Caixa nº 03*).
3. **MATERIAIS E SUPORTES DIFERENCIADOS** (*Caixas nº 4 E 5*).
4. **MATERIAIS PARA A EXECUÇÃO DO ATELIÊ ABERTO** (*Caixas nº 6 e 7*).

A TAREFA DE CADA GRUPO CONSISTE EM **MONTAR UMA EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS ARTÍSTICOS** QUE SE ENCONTRAM NO *KitMóvelExpositivo*.

NESSE CASO, O GRUPO IRÁ ASSUMIR A FUNÇÃO DE **CURADOR** (NO SENTIDO DE CUIDAR, VALORIZAR E DAR VISIBILIDADE AOS TRABALHOS DE ARTE), AO ESCOLHER O ESPAÇO FÍSICO PARA A REALIZAÇÃO DA

EXPOSIÇÃO E AO CRIAR SOLUÇÕES FORMAIS DE APRESENTAR E EXPOR OS TRABALHOS ARTÍSTICOS NESSE AMBIENTE.

É IMPORTANTE OBSERVAR QUE A ESCOLHA DO ESPAÇO FÍSICO DEVERÁ SER UM LUGAR POSSÍVEL DE SE REALIZAR A EXPOSIÇÃO, CONFORME NEGOCIAÇÃO COM A ESCOLA, AO MESMO TEMPO EM QUE POSSA *VALORIZAR* OS TRABALHOS ARTÍSTICOS PRODUZIDOS POR VOCÊS E POR OUTROS ALUNOS DE DIFERENTES ESCOLAS.

OS SUPORTES E OS MATERIAIS QUE FAZEM PARTE DO *KitMóvelExpositivo* SERVIRÃO PARA AUXILIÁ-LOS NA EXIBIÇÃO DOS TRABALHOS ARTÍSTICOS. SUGERIMOS QUE ELES POSSAM SER USADOS DE FORMA *POUCO CONVENCIONAL*, DIFERENTEMENTE DO USO QUE ELES JÁ TÊM NO COTIDIANO, DE MODO QUE SURPREENDA O VISITANTE DA EXPOSIÇÃO.

CASO VOCÊS VISUALIZEM ALGUM SUPORTE OU MATERIAL QUE NÃO FAÇA PARTE DO *KitMóvelExpositivo*, MAS QUE ESTEJA DISPONÍVEL NA ESCOLA E QUEIRAM INCORPORAR NA EXPOSIÇÃO, FIQUEM À VONTADE PARA USÁ-LO!

DITO ISSO, MÃOS À OBRA E BOA SORTE NA MONTAGEM!

ⁱ O material utilizado para elaborar o *KitMóvelExpositivo* contou com o apoio do Laboratório Interdisciplinar de Formação Docente – LIFE, e do Edital Prodocência – CAPES/UEDESC.